



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

Do MOBRAL à UnB: uma história de vida

Elber Costa Alves

Orientador: Professor Dr. Rodrigo Matos-de-Souza.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)

Brasília
2021

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

Do MOBRAL à UnB: uma história de vida

Elber Costa Alves

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB), como parte dos requisitos para a obtenção do grau de licenciado em Pedagogia.

Aprovado por:

Prof. Dr. Rodrigo Matos-de-Souza – FE/UnB

Orientador

Professora Dra. Paula Maria Cobucci Ribeiro Dias - FE/UnB

Prof. Me. Ana Carolina Cerqueira Medrado - IPS-UFBA

Prof. Me. Maria dos Remédios Rodrigues - EAPE-SEEDF (Suplente)

Brasília
2021

A474m Alves, Elber Costa

Do MOBRAL à UnB: uma história de vida / Elber Costa Alves ; orientador, Rodrigo Matos de Souza. Brasília, 2021.

45 f. : 21 x 29,7 cm.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Matos de Souza

Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia do Departamento de Educação da Universidade de Brasília.

1. Movimento Brasileiro de Alfabetização. 2. Repetição de Comportamento. 3. Reprovação. 4. Evasão Escolar. 5. Abandono Escolar. 6. Dificuldade de Aprendizagem. 7. Educação de Jovens e Adultos. 8. Programa Universidade Para Todos. 9. Universidade de Brasília. I. Alves, Elber Costa. II. Matos-de-Souza, Rodrigo. III. Título.

CDU 37

É concedida à Universidade de Brasília (UnB) permissão para reproduzir cópias desta monografia e emprestar ou vender tais cópias somente para propósitos acadêmicos e científicos. O autor reserva outros direitos de publicação e nenhuma parte desta produção intelectual pode ser reproduzida sem a autorização por escrito do autor.

Elber Costa Alves

“A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo. Devemos promover a coragem onde há medo, promover o acordo onde existe conflito e inspirar esperança onde há desespero” (MANDELA, 2021, online).

AGRADECIMENTOS

A Deus – aquele com quem converso, compreendido de formas diferentes através de diferentes culturas.

Aos meus pais – José Miguel Costa Alves e Maria Abadia Caetano Alves – que me possibilitaram ser o homem que sou e compreender a natureza de família.

Aos meus irmãos – Ana Cristina, Cristiana e Adriano – guerreiras e guerreiro, base de sustentação em todos os sentidos.

Aos meus sobrinhos e minha enteada que eu amo como filhos, amigos do Centro Integrado de Telemática do Exército (CITEx), 7º Centro de Telemática de Área (CTA), da Universidade de Brasília (UnB),– obrigado pela disponibilidade e positividade sempre que eu precisei.

A todos da família Borges, Caetano e Ferreira Braga - pela contribuição na construção dos meus valores.

A Doutora Paula Maria Cobucci Ribeiro Dias, pela ideia do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Ao Professor orientador Rodrigo Matos de Souza, pela dedicação e serenidade.

Aos professores e professoras pelas valiosas contribuições e esclarecimentos em toda minha trajetória de escolarização.

E finalmente agradeço, à minha esposa Quênia Guedes Alves, pela serenidade e compreensão nos momentos de dificuldade e as minhas filhas, pela oportunidade da materialização da paternidade.

A todos, muito obrigado!

RESUMO

Neste trabalho de Conclusão de Curso apresento minha ‘(Auto)biografia: Prática e Teoria’, onde trato de temas ligados ao âmbito escolar, tais como, a reprovação, a evasão e o abandono, ligados à repetição de padrões comportamentais de diferentes gerações da minha família, começando com as adversidades enfrentadas pelos meus pais, da minha escolarização na educação básica até a Educação de Jovens e Adultos (EJA) e a luta para que minhas filhas não reproduzissem o mesmo caminho educacional que percorri. O desfecho do trabalho culmina com quebra desses padrões comportamentais, ou seja, a minha desistência no curso superior pelo Programa Universidade Para Todos (PROUNI) e o meu ingresso no curso de pedagogia da Universidade de Brasília (UnB) e a entrada de minhas filhas na Universidade Federal do Goiás (UFG).

Palavras-chave: Reprovação Escolar. Dificuldade de Aprendizagem. Educação de Jovens e Adultos. Programa Universidade Para Todos. Universidade de Brasília.

ABSTRACT

In this Conclusion of Course work I will present my (Auto) biography: Practice and Theory, taking into account the repetition not only in the school environment with failure, evasion and abandonment, but the repetition of behavioral patterns of different generations, starting with the adversities faced by my parents, from my schooling in basic education to EJA and the struggle so that my daughters did not reproduce the same path that I had traveled. Concluding with the breaking of these behavioral patterns with my entry and withdrawal from the university for the University for All Program (PROUNI) and ending with my career at the University of Brasília (UnB) and the entry of my daughters at the Federal University of Goiás (UFG).

Keywords: School Failure. School Learning Difficulty. Youth and Adult Education. University for All Program. University of Brasília.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	09
	METODOLOGIA.....	11
	REFERENCIAL TEÓRICO.....	14
1	O INÍCIO: MOBRAL, REPETÊNCIA E ABANDONO ESCOLAR.....	16
2	O MOVIMENTO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO (MOBRAL)...	18
3	REPETIÇÃO DE COMPORTAMENTO: REPETÊNCIA, ABANDONO ESCOLAR E EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA).....	24
4	INFLUÊNCIAS SOCIAIS E POLÍTICAS PÚBLICAS: RETORNO A VIDA ESCOLAR E INGRESSO NO CURSO SUPERIOR.....	30
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	39
	BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.....	45

INTRODUÇÃO

Busquei com esse trabalho compreender através dos aspectos antropológicos, sociológicos, psicológicos e políticos a minha questão formativa e do meu núcleo familiar, considerando o percurso escolar dos meus genitores e irmãos, onde meu pai por precisar trabalhar muito cedo para sua sobrevivência viu no Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) a oportunidade e a necessidade de incluir-se na sociedade letrada, concluindo apenas parte do Ensino Fundamental I.

Reflito sobre a história de minha mãe, que apesar do apoio familiar, apresentou dificuldades no ensino e aprendizado e renunciou à continuidade da escolarização ainda no Ensino Fundamental I e decidiu pelo matrimônio. Desse matrimônio somos quatro filhos e nenhum dos meus três irmãos chegaram ao Ensino Superior. Não foi cultivado em nosso meio o estudo como forma de crescimento profissional, somente a importância do trabalho e os frutos que dele podemos colher. O trabalho ganha vulto na minha família dada a necessidade de sobrevivência, o que mais tarde foi incorporado aos valores e tradições que foram passados de pais para filhos com a crença de que com ele aprendemos também a ter responsabilidade e mandar o caráter.

Falo também da minha trajetória, de quando contrariei as expectativas e ingressei em uma faculdade particular pelo Programa Universidade Para Todos (PROUNI), que é “[...] um programa inovador no sentido de aumentar em muito as chances de ingresso, sobretudo da juventude trabalhadora, num curso superior privado, em que a relação candidato/vaga é quase sempre menor do que nas IES públicas” (BASCONI, 2019, p. 104). Para os meus pais as expectativas eram que os filhos concluíssem o ensino médio.

Também sou fruto do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), onde a expansão de vagas operadas pelo programa me permitiu o ingresso em uma Instituição de Ensino Superior Federal, a Universidade de Brasília - a partir do contexto de políticas públicas e do desenvolvimento econômico arrolados pelo programa que permitiram essa trajetória, o que desenvolverei ao longo do texto.

Após analisados e teorizados essa trajetória, consigo compreender a minha relação comigo mesmo e das minhas relações com o mundo. Nesse sentido, a universidade me fez perceber que a vida do sujeito é atravessada por outras dinâmicas que por vezes não temos como refletir sobre os acontecimentos e mensurar as

consequências, atribuindo os acontecimentos ao acaso ou até mesmo ao divino. Apenas respondemos ao que o mundo nos oferece como escolhas, sem mesmo nos questionar qual o efeito delas e como se deu a mesma, por conhecer apenas conceitos elaborados pelo senso comum.

Entretanto, estar na universidade me permitiu um olhar crítico e reflexivo a partir do qual pude perceber meu percurso escolar, podendo ser vista com maior segurança, efetividade e sem constrangimentos, desenvolvendo uma tomada de consciência, fazendo emergir as dinâmicas de influência social e de autoformação objetivando o meu crescimento pessoal e profissional.

Por fim, exponho como alguns professores tornaram-se no decorrer dessa trajetória meus mestres. Para Rodrigo Matos-de-Souza e Elizeu Clementino de Souza (2016) a lógica do discurso do professor funciona da seguinte maneira:

Adotando esta perspectiva, o professor desenvolve um discurso lógico – pelo menos, pretensamente lógico –, e um discurso que também é informativo; por sua vez, o mestre não fala propriamente, ele mostra, e, por isso, sua forma de expressão é inspiradora, evocadora e sugestiva (MATOS-DE-SOUZA; SOUZA, 2016, p. 241).

Nesse sentido, esses professores, que aqui me refiro a mestres, foram uma fonte inspiradora na minha formação, expansão, crescimento e na mudança do meu comportamento.

METODOLOGIA

Para construir essa autobiografia sigo os parâmetros da hermenêutica. Segundo a filosofia, a hermenêutica aborda duas vertentes: a epistemológica, com a interpretação de textos e a ontológica, que remete para a interpretação de uma realidade. A narração “[...] em sua negociação com o real, alimenta seu relato com elementos de sua própria vida, numa tentativa de representar as nuances de sua trajetória até o momento do escrito” (MATOS-DE-SOUZA; SOUZA, 2017, p. 153), permite a compreensão de nós próprios numa dimensão temporal, isto é, histórica, porém, mais que isso, permite a compreensão de nós próprios na nossa historicidade.

Assim, a autobiografia como opção de pesquisa qualitativa, no campo da educação, mais especificamente no meio acadêmico, com enfoque específico de investigação e organização do pensamento, trás a atribuição de sentido às vivências. Para Rodrigo Matos de Souza e Elizeu Clementino de Souza “[...] na medida em que quem narra e reflete sobre sua trajetória abre possibilidades de teorização de sua própria experiência e amplia sua formação por meio da investigação de si” (MATOS-DE-SOUZA; SOUZA, 2017, p. 166).

Para as autoras Corrêa e Oliveira “a formação humana pode ser entendida como um processo em devir, um vir-a-ser, uma formação que se dá ao longo da vida, não apenas em espaços formais de educação, como também com as próprias experiências e a autonomia do indivíduo” (CORRÊA; OLIVEIRA, 2019, p. 03), reflexões e inspirações que estruturaram a escrita dessa autobiografia.

No que se referem à narrativa autobiográfica, as autoras Valéria Marques de Oliveira e Cecília Raquel Satriano afirmam que:

...o autor e o espectador estão reunidos na mesma figura. Mesmo assim, garante-se o aspecto relacional visto que o eu é formado por vários “eus” e o “outro”, não se nasce sujeito, se constitui um. O si mesmo é marcado pela fluidez, é marcado por um passado, um presente e um futuro que se entremeiam (três tempos: passado-presente; presente-presente; futuro-presente) e se atualizam, uma vida em aberto, na qual o inesperado faz parte e a (re)leitura é permitida (OLIVEIRA; SATRIANO, 2017, p. 373).

O enfoque específico desse trabalho foi à organização do pensamento entre passado, presente e futuro e a atribuição de sentido às minhas vivências, o que para Jonathan Aguirre e Luis Porta “[...] la escritura sobre uno mismo, es decir, el relato autobiográfico, posee un valor altamente formativo” (AGUIRRE; PORTA, 2019, p. 04).

Sabendo-se que “o narrado serve tanto à pesquisa quanto ao próprio narrado, visto que este “mergulho interior” vai para além das lembranças e favorece a reflexão consciente e a elaboração de questões internas” (OLIVEIRA; SATRIANO, 2017, p. 382). Essa reflexão é um ato de amor e empatia, uma reflexão de que devemos nos colocar no lugar do outro para que possamos ter noção do que ele viveu.

Entendo que a beleza e riqueza do ser humano não está no ato de julgar, mas sim no ato de compreender e respeitar o outro, na sua alteridade, nas suas diferenças. Principalmente porque não vivemos numa sociedade estática, ela é dinâmica, está sempre em movimento e transformação, o que faz com que os conceitos e valores mudem no decorrer do tempo e são justamente essas mudanças que tento entender e compreender num esforço cotidiano para não julgar. Percebo hoje, com minha experiência de morador do Distrito Federal, que existem várias diferenças de pensamentos e comportamentos de cidadãos que tiveram seu desenvolvimento em cidades pequenas e grandes, tanto nas capitais, como no interior, como foi no meu caso. Vejo nas diferenças um grande insumo para o crescimento do ser humano.

Creio ser importante contribuir aqui com o esclarecimento da diferença entre autobiografia e diário autoetnográfico, a partir do pensamento de Jonathan Aguirre e Luis Porta:

Y así, toda narración autobiográfica ya supone en sí misma una interpretación, construcción y recreación de sentidos, lecturas del propio mundo de la propia vida. A diferencia de un diario de campo, el diario autoetnográfico que utilizamos en nuestras investigaciones recupera lo que el investigador va sintiendo, no sólo en el momento del trabajo de campo, sino a lo largo del proceso de investigación. Así, el diario se vuelve una suerte de bitácora en donde quedan registradas las emociones, ansiedades, preocupaciones, alegrías, desafíos, decisiones que va experimentando el investigador y que juntas implican una aproximación metacognitiva del proceso de investigación (AGUIRRE; PORTA, 2019, p.10-11)

Este trabalho está estruturado em Introdução, Metodologia, Referencial Teórico, quatro capítulos e considerações finais. O primeiro capítulo intitulado ‘O início: MOBREAL, repetência e abandono escolar’, corresponde à parte das vivências e da trajetória de escolarização dos meus pais. No segundo capítulo intitulado ‘O Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBREAL)’ trago a história da criação do movimento. O terceiro capítulo denominado de ‘Repetição de comportamento: repetência, abandono escolar e EJA’, há uma reflexão sobre parte de minha trajetória de vida comparando à dos meus pais e por último, no quarto capítulo, ‘Influências sociais e políticas públicas: retorno à vida escolar e ingresso no curso superior’, foi possível

analisar como minha trajetória escolar até a Universidade foi influenciada pelas políticas públicas, a economia e as influências sociais.

E por fim têm-se as considerações finais, onde faço um balanço do meu trabalho autobiográfico e como essas reflexões enriqueceram minha história de vida. Segundo Jonathan Aguirre e Luis Porta os relatos de experiencia “probablemente, en el seno de la académica tradicional y la epistemología clásica, la manifestación de las emociones, afecciones, deseos y temores mediante relatos de experiencias personales no tenga un lugar destacado” (AGUIRRE; PORTA, 2019, p. 14).

REFERENCIAL TEÓRICO

A história de vida em forma de autobiografia é uma importante ferramenta na área da educação e principalmente no mundo do trabalho. Ao escrever sua autobiografia o autor inicia uma reflexão que tem o poder de agir internamente e o faz buscar uma profunda análise sobre o que vivenciou em sua trajetória de vida. Para Christine Delory-Momberger “é nesse ‘poder de agir’ do relato que se baseiam, aliás, as propostas de formação que se valem das ‘histórias de vida’ para dar início a processos de mudança e de desenvolvimento do sujeito” (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 529).

Ainda segundo a autora Delory-Momberger ao narrar nossa história de vida “Coletamos, ordenamos, organizamos, vinculamos as situações e os acontecimentos de nossa existência, damos a ele na forma unificada e associada a uma vivência proteiforme, heterogênea, incerta, inapreensível e, através dessa formatação, interpretamos e outorgamos sentido ao que vivemos” (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 341).

Nesse contexto, a história de vida serve também como forma de pesquisa, onde possibilita ao pesquisador uma investigação mais aprofundada da relação do indivíduo com o que de fato aconteceu em seu meio e a percepção do que foi vivenciado “ao mesmo tempo, ao lugar que ele se atribui e às figuras que dá a ver de si mesmo, aos objetivos e às finalidades que persegue, às crenças e valores que são os seus, aos meios de que dispõe e aos obstáculos que encontra etc” (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 530).

Desta maneira, utilizei da Psicologia Social para compreender os fenômenos sociais, grupais e a interferência do outro na construção dos meus valores, crenças, comportamento e atitudes. Para Nelson Eduardo Estamado Rivero,

A Psicologia Social crítica começou a se preocupar também em abarcar, em suas questões de pesquisas, aspectos relacionados com o ser humano na contemporaneidade, ou seja, em priorizar em suas investigações os contextos históricos, sociais, econômicos e culturais dos sujeitos pesquisados (RIVERO, 2008, p. 87).

Dialogando com a autora Delory-Momberger concorda-se que

[...] uma vez reconhecida essa dimensão da temporalidade da experiência – que abordagens como as da psicologia social e de certas correntes da sociologia contemporânea também levam em consideração –, ainda assim é preciso especificá-la sob o seu aspecto propriamente *biográfico*, no sentido forte em que o entendemos, o de “escrita da vida”, de elaboração da experiência (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 529).

Por fim, como personagem central da autobiografia, ao narrar sobre mim mesmo, encontrei-me entrelaçado com outras narrativas em um movimento de interação

social, fazendo uma reflexão e me posicionando no mundo simbólico da minha cultura e dentro da minha trajetória.

1. O INÍCIO: MOBIL, REPETÊNCIA E ABANDONO ESCOLAR

Meu nome é Elber Costa Alves, nasci em 09 de julho de 1972, na cidade de Araguari, Minas Gerais (MG), filho de José Miguel Costa Alves e Maria Abadia Caetano Alves. Meus pais vieram de famílias com pouco recurso financeiro e de baixa escolaridade, são analfabetos e semianalfabetos, o que os forçou a trabalhar desde cedo.

As famílias pertencentes às classes populares, quase sempre negras e pardas dispõem de poucos recursos financeiros, refletindo assim no trabalho infantil com mão de obra não especializada, de baixa remuneração e baixa escolarização. Com base nas informações da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD) (2019), o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) fez um levantamento do Trabalho Infantil no Brasil, em 2019 e constatou que havia 1,8 milhão de crianças e adolescentes em situação de trabalho infantil.

Sendo que na faixa etária de crianças entre 05 e 13 anos temos 377.000 em situação de trabalho infantil, o que representa 21% dessas crianças e adolescentes. Relacionando esses números através da cor ou raça, temos segundo o PNAD Contínua:

Por cor ou raça, o percentual de pessoas de cor branca em situação de trabalho infantil era inferior (32,8%) à estimativa da população branca desse grupo etário (38,4%); contudo o mesmo não se repetia para aqueles de cor preta ou parda – dada a maior concentração de pessoas dessa cor ou raça em situação de trabalho infantil (66,1%), vis a vis a proporção de pretos ou pardos na população (60,8%) (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2021, p. 03).

O trabalho infantil também interfere na escolarização. Segundo o PNAD Contínua Educação 2019:

Por cor ou raça, o cenário foi ainda mais marcante, visto que 37,9% das pessoas brancas de 18 a 24 anos estavam estudando, sendo 29,7% no ensino superior, frente a uma taxa de escolarização de 28,8% das de cor preta ou parda, com apenas 16,1% cursando uma graduação. Adicionalmente, 6,0% dos jovens brancos nessa faixa etária já tinham um diploma de graduação, enquanto, entre os pretos e pardos, 2,8% (IBGE, 2020, p. 05).

Segundo relatos do meu pai, com ele não foi diferente, principalmente por ter morado em diferentes fazendas, com seu padrasto e sua mãe. A sua infância foi muito conturbada por divergências entre ele e o padrasto e toda a dinâmica familiar, ocasionando por diversas vezes o afastamento dele do convívio familiar.

Segundo a narrativa de meu pai, esse afastamento se dava porque ele fugia para outras fazendas, sua última fuga segundo ele, foi com apenas oito anos de idade. Foi

quando conseguiu trabalho e moradia com a família ‘Costa’, que no passado já tinha trabalhado com essa família em Maurilândia, no Estado de Goiás, onde recebia muito pouco para se manter.

A família mudou-se para a cidade de Araguari e José foi com eles. Lá necessitou de documentos para ingressar em um emprego formal e foi aí que adotou o sobrenome Costa, que pertencia à família que o acolheu, uma vez que não tinha notícias da sua família de origem.

Em Araguari conheceu Maria Abadia e fez de tudo para se casar com ela. Em 1970, já casados, meu pai, José, com 20 anos de idade resolveu por influência de um amigo frequentar o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) com a perspectiva que com a escolarização viesse dar melhores condições para a família, conseguindo assim através dos estudos uma promoção em seu trabalho.

2. O MOVIMENTO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO (MOBRAL)

O Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) esteve vigente no Brasil entre 1967 e 1985, período correspondente ao Regime Militar. Instituído pela Lei 5.379 de 15 de dezembro de 1967, durante o governo do presidente Arthur da Costa e Silva, atuou nesse primeiro momento de implementação do MOBRAL apenas como órgão de assistência financeira e técnica às iniciativas de alfabetização de jovens e adultos.

Como, porém, o Estado só previa uma verba anual de NCr\$ 213.180.000,00 (duzentos e treze milhões, cento e oitenta mil Cruzeiros Novos) para o funcionamento dos programas, previsto no Plano de Alfabetização Funcional e Educação Continuada de Adolescentes e Adultos (1967), o MOBRAL realmente só começou a funcionar em 1970, quando encontrou uma forma real de financiamento. Segundo Aspectos da Organização e Funcionamento da Educação Brasileira (1974): “Foi a partir de 1970 que o FNDE passou a funcionar com efetividade e, percentualmente, seus recursos cresceram em proporção bem maior que as verbas orçamentárias do Ministério” (BRASIL, 1974, p. 19).

O MOBRAL serviu enquanto uma forte estratégia frente às ideias do Regime Militar em demonstrar preocupação com as classes populares, tendo em vista que no Brasil na década de 70 existia 18.146.977 analfabetos, dado referente a população de 15 anos e mais, segundo pesquisa do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (BRASIL, 1999, p. 08). Para atingir quase todos os municípios brasileiros, foi organizada toda uma logística militar, utilizando uma enorme carga propagandística. Consta na Ementa do Decreto nº 61.312 de 08 de setembro de 1967: “provê a utilização das emissoras de televisão nos programas de alfabetização” (BRASIL, 1967, online).

A intenção era captar maior número de analfabetos às salas de aulas improvisadas com o propósito de alfabetizá-los em um tempo curto (cinco meses), com duas horas diárias. E através dos meios de comunicação de massa, foram convocados indivíduos para fazerem parte do movimento que aniquilaria o ‘mal do analfabetismo’.

Os autores Rodrigo Matos-de-Souza e Milene de Macedo Sena fazem crítica ao perfil do alfabetizador com características dos formadores do MOBRAL: “O imperativo é que qualquer pessoa pode alfabetizar. Não existe a necessidade de estudos, nem especialização, pois para esta modalidade reina a crença de que não há exigência de muito estudo, existe apenas a necessidade da boa vontade” (MATOS-DE-SOUZA;

SENA, 2013, p. 125). Foi justamente com esse pensamento que foi feita a convocação dos alfabetizadores do MOBRAL naquela época.

No que se refere ao método de alfabetização do MOBRAL, seu documento básico afirma: “É um método eclético, baseado na decomposição das palavras geradoras [...] As palavras geradoras são colhidas a partir das necessidades básicas do homem.” (BRASIL, 1973, p. 33). Esse conceito já era utilizado por Paulo Freire antes do regime militar.

No que diz respeito às palavras geradoras, na decodificação e codificação das palavras, suas práticas pedagógicas eram o oposto da ideologia de Paulo Freire que concebia a alfabetização enquanto um processo criador e libertador e não alienador, como é demonstrado em sua proposta filosófica.

Entretanto, se o método era a partir das necessidades básicas do homem, e uma das necessidades básicas é a liberdade, sendo que o regime militar se valeu da censura para impedir que qualquer tipo de mensagem contrária a seus interesses fossem divulgadas, exercendo controle sobre todo o tipo de informação. Então, essa alfabetização não seria emancipadora. Conforme nos explica Paulo Freire:

Por isto mesmo é que, qualquer que seja a situação em que alguns homens proibam aos outros que sejam sujeitos de sua busca, se instaura como situação violenta. Não importam os meios usados para esta proibição. Fazê-los objetos é aliená-los de suas decisões, que são transferidas a outro ou a outros (FREIRE, 2017, p. 104).

Uma alfabetização emancipadora é aquela que proporciona a seus alunos uma leitura crítica do mundo e permite uma compreensão da sua realidade social e política, diferente dessa alfabetização alienadora onde o importante é que o aluno saiba ler e interpretar pequenos trechos (notícias de jornal, cartas, entre outros), como também consultar catálogos de telefones ou ruas. (BRASIL, 1973, p. 45). Podemos concluir que o método seria parecido com o do Paulo Freire, mas com propostas pedagógicas opostas, contraditórias.

Todo esse conhecimento sobre o MOBRAL só me foi possível ao ingressar na Universidade. Até então eu não sabia realmente o que esse movimento representou para a educação brasileira. Ouvia algumas piadas sobre as pessoas que haviam se alfabetizado através dele. Aqueles que faziam uma leitura soletrando as palavras eram considerados alfabetizados pelo MOBRAL.

Entretanto, “A música é o veículo de mais ampla divulgação do Programa MOBRALTECA. Com o repertório apresentado, o animador capta a atenção do

público, divulgando a ação do Programa” (BRASIL, 1979, p. 15). Sendo assim, o regime militar aproveitou-se da música sertaneja para ser utilizada em suas propagandas, já que no plano cultural estava plenamente constituído com a cultura rural brasileira e o patriotismo excessivo. Segundo o autor Alonso (2017), esse patriotismo excessivo pode ser percebido em várias letras musicais.

Em 1971, Moreno & Moreninho, a dupla conhecida como ‘a mais ouvida do Brasil’, cantou a união nacional: “Todas as profissões unidas/ nosso mundo vai para frente/ união que faz a paz/ para um povo independente/ vamos todos com amor/ abraçar nossa bandeira/ Viva o nosso presidente!/ Viva a pátria brasileira!” (MORENO; MORENO; 1971, online).

Também em 1971 Liu & Léo lançaram o LP Minha terra, que continha a música “Transamazônica”, apologia à grande rodovia, intensamente propagandeada pelo governo como símbolo do ‘Brasil grande’:

Meu Brasil por ti me interesse/ Mediante o progresso meu país é forte/
[...]/Ressaltamos nosso presidente/ que constantemente apoia o
transporte/ [...] /O sentido desta minha crônica é a Transamazônica/
Muito bem traçada/ Que nasceu para nos trazer melhora/ Que grande
vitória já considerada (COSTA; COSTA, 1971, online).

Em 1973 Biá & Dino Franco gravaram ‘Herói da Pátria’, exacerbando o elo entre o lavrador e a nação:

O caboclo com seus braços fortes/ [...] / É um herói que batalha
confiante/ na grandeza de nossa nação/Pode ver que o Brasil se
agiganta/ A exemplo de um grande labor/ Parabéns a seus bons
dirigentes/ Parabéns a você lavrador/ [...] / O caboclo merece respeito/
[...] / Se preciso maneja o fuzil/ Está sempre disposto e vigilante/ Pela
paz social do Brasil (FRANCO; FRANCO, 1973, online).

Um dos grandes apoiadores das obras e feitos da ditadura foi a dupla Tonico & Tinoco. Em 1971 eles regravam a canção ‘Esperança do Brasil’, cuja gravação pioneira era de 1964, no LP lançado para comemorar seus vinte anos de carreira: “Vamos cantar este hino/ A professora ensinando/ Ama a tua escola, menino/ Que o Brasil está chamando/ [...] / Professores com carinho/ E orgulho varonil/ Preparando os pequeninos/ Esperança do Brasil”(PEREZ; PEREZ, 1971a, online).

Se Tonico & Tinoco já demonstravam uma predisposição para o nacionalismo quando do golpe de 1964, durante o auge do milagre brasileiro a dupla entrou de cabeça no apoio ao Brasil dos grandes dos ditadores. A canção ‘Marcha do Tri’, de 1971, louvou o futebol brasileiro campeão no México no ano anterior: “Foi a maior das

proezas,/ salve nosso esquadrão/ Mereceste com nobreza/ a taça do tricampeão/ Brasil, Brasil.../ Esta página da história/ simboliza tradição” (PEREZ; PEREZ, 1971b, online).

Ouvia também uma música da dupla Tonico e Tinoco: ‘Bendito Seja o Mobral’, composição: José Caetano Erba/Tinoco/Tonico, em uma das estrofes da música dizia: “Brasil é feliz agora, alcançou seu ideal, com a luz da nova aurora, bendito seja o Mobral” (PEREZ; PEREZ, 1972b, online). O orgulho que Tonico & Tinoco sentiam pelo MOBRAL estava alinhado com o discurso feito no Palácio do Planalto, no lançamento do MOBRAL em 08 de setembro de 1970, pelo então presidente Emílio Garrastazu Médici:

Considero esta iniciação um dos momentos mais felizes do meu governo, não só porque antecipo no Movimento a grande hora da alfabetização nacional, senão porque vejo no MOBRAL um apelo à juventude, uma trincheira contra a omissão e a fuga, uma escola de líderes e o primeiro esforço comunitário de dimensão nacional (MÉDICI, 1970, p. 115).

A canção da dupla Tonico e Tinoco ajudou a reforçar a importância do MOBRAL. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) na década de 1970 a taxa de analfabetismo entre pessoas de 15 anos ou mais de idade era de 34%, sendo homens 29,8% e mulheres 36% (IBGE, 1970). A importância do MOBRAL se deu também pelo êxodo rural. Estava havendo uma mudança econômica no país e o mercado de trabalho exigia um novo perfil de trabalhadores.

Desta forma, segundo Roberto Schwarz (1978) em seu ensaio ‘Cultura e política, 1964-1969’, mesmo o país com um governo de direita autoritário no poder, no campo cultural a esquerda conseguiu-se consolidar ao longo das décadas

Entretanto, para surpresa de todos, a presença cultural da esquerda não foi liquidada naquela data, e mais, de lá para cá não parou de crescer. A sua produção é de qualidade notável nalguns campos, e é dominante. Apesar da ditadura da direita há relativa hegemonia cultural da esquerda no país (SCHWARZ, 1978, p. 62).

Hoje consigo perceber a influência dos gêneros musicais na cultura de uma sociedade. Enquanto Tonico e Tinoco exaltavam o MOBRAL e o nacionalismo em suas músicas outros cantores criticavam. Os Paralamas do Sucesso com a música ‘MOBRAL’ enfatizaram: “E os letreiros de frente pra trás, Aos olhos de quem, Só aprendeu o bê-á-bá, Pra tirar carteira de trabalho” (OS PARALAMAS DO SUCESSO, 1992, online). Era considerado uma conquista para o adulto alfabetizado, certidão de conclusão do curso, título eleitoral, carteira profissional e serviço militar (BRASIL,

1973, p. 47). Segundo a autora Nascimento (2001), o termino do MOBRAL se deu após a queda da ditadura:

Após 1985, com a queda da ditadura e a retomada do governo civil, as relações no campo social e político democratizam-se e vários espaços da sociedade abrem-se para as demandas educativas. Um dos primeiros procedimentos da Nova República foi a extinção do MOBRAL, pois este representava a ideologia do regime autoritário, o que não condizia mais com os novos ares de democracia que o país vivia (NASCIMENTO, 2001, p. 85).

Nos anos seguintes meu pai frequentou a escola e ao concluir o 2º ano do Ensino Primário, período do meu nascimento em 1972, deixou os estudos para fazer ‘bicos’ após o expediente. Já haviam perdido uma filha e o sustento da família era prioridade para ele, com isso, o sonho da escolarização foi deixado de lado.

Maria Abadia, já enfrentara várias dificuldades em sua escolarização. Sendo a mais velha dos onze filhos, começou a trabalhar na casa da família da diretora de uma escola primária aos sete anos de idade. Após dois anos de trabalho na casa dessa família, sua patroa proporcionou a ela a possibilidade de ingresso na escola onde ela era diretora, com a condição de que os estudos não comprometessem suas atividades laborais.

Segundo seus relatos, minha genitora dividia seu tempo entre trabalho e escola, trabalhava de manhã, estudava a tarde e ainda voltava da escola para terminar seus afazeres à noite. Após várias repetências passou estudar no turno noturno até a quarta série do ensino primário.

Ao buscar mais relatos sobre o histórico escolar de minha mãe, conversei com minha tia Marilene (2ª filha dos meus avós) que me relatou ter sido a única dos irmãos que conseguiu ser aprovada no Exame de Admissão. Esse exame foi criado pelo Decreto nº 19.890, de 18 de abril de 1931, revogado pela Lei 5.692 de 1971, esse exame era extremamente excludente, principalmente porque se a criança não fosse aprovada no exame de admissão teria que ir para uma escola particular, o que excluía as crianças das classes menos favorecidas. Foi minha tia e madrinha Marilene, que em outra oitiva me relatou que ingressou no mesmo período que minha mãe no Grupo Escolar.

Enquanto sua irmã avançava na escolarização, minha mãe enfrentava dificuldades desde o 1º ano primário. As inúmeras reprovações levaram-a ao desestímulo diante dos estudos. O meu caminhar na Pedagogia me fez perceber que minha mãe tinha uma dificuldade de aprendizagem que não fora trabalhada.

Entretanto, naquela época não se falava em dificuldade de aprendizagem, não com esse termo, mas havia uma preocupação sobre a repetência escolar, a evasão escolar, a promoção automática e o trabalho precoce. Percebemos essas preocupações no artigo ‘Repetência ou promoção automática?’ de A. Almeida Júnior quando ele fala da função da escola primária:

Não nos esqueçamos, quanto a isso, que uma das principais funções da escola primária é ocupar o dia inteiro da criança, entre os sete e os onze anos de idade, protegendo-a contra os males da rua e os do trabalho precoce (ALMEIDA JÚNIOR, 1957, p. 12).

Ao namorar e casar com José, Maria Abadia desistiu da vida acadêmica, apesar da insistência de sua mãe para que ela não abandonasse os estudos. Dessa forma, na 4ª série primária, com 16 anos, decidiu ser mãe e dona de casa, casando-se aos 17 anos.

Noto que a desmotivação gerada pelas constantes reprovações e a exclusão ocasionada no exame de admissão, foi determinante para a sua vida escolar. Hoje aos 69 anos ela relata o arrependimento de não ter acreditado em seu potencial, de não ter aproveitado o apoio materno e insistido em sua escolarização, sente-se frustrada por ter se tornado uma pessoa com pouco conhecimento acadêmico.

Vejo em minha mãe uma mulher forte e batalhadora, que sempre lutou ao lado do meu pai, ajudando-o com a economia doméstica e por várias vezes no trabalho braçal, como servente de pedreiro, auxiliando-o na construção da nossa moradia por exemplo. Hoje eu entendo sua escolha, por todas as dificuldades que passou. Admiro sua dedicação na nossa escolarização e me recordo com emoção dos momentos em que, mesmo com suas dificuldades, nos ensinava a lição nos primeiros anos escolares. Não a julgo por sua decisão, pois compreendo a sua dificuldade de aprendizagem como algo castrador do seu desenvolvimento intelectual.

3. REPETIÇÃO DE COMPORTAMENTO: REPETÊNCIA, ABANDONO ESCOLAR E EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)

Minha infância foi de muita responsabilidade, devido uma criação tradicional e por eu ser o filho mais velho. Comecei a estudar com seis anos, ainda na pré-escola, que frequentava em um colégio da Congregação das Irmãs dos Sagrados Corações de Jesus e Maria em Araguari – Minas Gerais, onde realizei todo o ensino primário.

Nesta escola houve discriminação por parte de alguns colegas por eu ser negro, mas isso não me afetou emocionalmente ao ponto de querer ser de outra cor. Hoje entendo a influencia da minha família materna na construção da minha identidade. Eu aprendi com eles a ter orgulho da minha raça, pertencer à família ‘Caetano’ era ser forte. Então não era qualquer brincadeira racista que iria me diminuir ou desejar ser de outra raça.

Naquela escola não tenho lembranças das professoras debaterem em sala de aula questões sobre racismo como nos dias atuais, mas lembro das brincadeiras e piadas que faziam sobre minha cor e meu cabelo. O preconceito estava em todo lugar, não era apenas com a cor de uma pessoa, mas com o biótipo, até mesmo com as dificuldades de aprendizagem.

Nos meus serviços de ajudante de encanador, quando eu tinha apenas 09 anos de idade, meu trabalho era cortar as paredes para passar os canos d’água e por muitas vezes eu não consegui cumprir a missão, o que me remete a Milene de Macedo Sena e Isabel Cristina de Jesus Brandão quando elas afirmam: “durante a infância, os sujeitos das classes populares passaram por histórias semelhantes de discriminação e privação, de alienação, opressão política e exclusão social, e o acesso limitado à educação é apenas uma das suas manifestações” (SENA; BRANDÃO, 2014, p. 18), e nem as tarefas da escola. Tarefas escolares que por muitas vezes não foram feitas, não apenas porque estava ajudando meu pai, ou faltava tempo e conhecimento, mas porque eu também não queria fazer e escondia tanto da minha mãe como do meu pai. Deu-se aí minha primeira reprovação.

Dei continuidade ao Ensino Fundamental, no período matutino, em uma escola pública, o Colégio Estadual Professor Antônio Marques, que era alocada em uma escola, Escola Estadual Costa Sena. Há época comecei a vender pelas ruas da cidade quibes, recebia apenas 10% (cento) do valor de cada unidade, foi quando eu percebi que poderia ganhar mais do que 10% (cento), poderia ser o dono dos salgados. Conversei

com minha mãe que iria juntar dinheiro e comprar massa de pastel e carne moída e se ela poderia fritar os pastéis para eu vender, já que a ‘freguesia’ eu tinha, assim foi feito. Vendi pastéis por um longo período até começar vender ‘laranjinhas’, conhecidas também por ‘dindim’.

Na 5ª série aconteceu minha segunda reprovação. Como ‘castigo’ tive que estudar no período noturno com apenas doze anos de idade. Com o amadurecimento que eu tenho hoje consigo olhar para esse momento e não procurar culpados, mas entender quais valores e crenças foram ensinados para os meus pais e qual conjuntura política e econômica que influenciou todo esse movimento.

No período noturno não era cobrado empenho como no período matutino. Para Rodrigues,

[...] o mesmo sistema educacional que assegura a ampliação do processo de escolarização a novas camadas sociais encarrega-se de assegurar também a socialização diferencial dos indivíduos que, pertencendo a camadas sociais antes desassistidas pela escola, passam a ter acesso a ela em condições de ensino qualitativamente inferiores (RODRIGUES, 1995, p. 64).

Por várias vezes eu estava tão cansado que adormecia durante a aula e recebia algumas críticas por dormir e ao invés de me manter atento ao conteúdo. Por mais que me empenhasse, não conseguia manter a atenção após um dia de trabalho cansativo. Nesse sentido os autores Valdemar Sguissardi e Bruno Pucci faz referência a termos que eu escutei no curso noturno

Faz-se referência aos alunos trabalhadores em termos de alunos “cansados”, “sem interesse”, “sem responsabilidade”, o que não leva em conta que a maioria deles responde pela própria sobrevivência e, muitas vezes, da de suas famílias, e que a escola noturna ainda é vista por eles como um fio de esperança para saírem da situação em que se encontram (SGUISSARDI; PUCCI, 1992, p. 38).

Ainda sobre isso, os autores Valdemar Sguissardi e Bruno Pucci acrescentam em seguida que:

Ali, a experiência de educação dos trabalhadores resume-se quase exclusivamente a aulas expositivas, em flagrante descaso com o fato amplamente reconhecido pelo corpo docente e pela administração escolar de que o cansaço e o sono são a marca mais saliente do alunado desse período (SGUISSARDI; PUCCI, 1992, p. 46).

Os professores ‘facilitavam’ muito a vida dos alunos, por serem adultos, trabalhadores e alguns ainda tinham a responsabilidade de serem pais de família, isso acabou por prejudicar meu aprendizado. Consigo entender que o modo como foi

estruturado o curso diurno e o curso noturno tem muito a ver com esse aprendizado, aliás, existe uma divisão social do trabalho entre o intelectual e o manual.

Com toda essa dificuldade entre o mundo do trabalho (açougueiro, ajudante de uma pizzaria, entregador, cobrador, serviços gerais, entre outros) e da escolarização, consegui chegar até o primeiro ano do Ensino Médio em outro colégio público, a Escola Estadual São Judas Tadeu, sendo mais uma vez reprovado. Para Valdemar Sguissardi e Bruno Pucci “o ensino noturno, portanto, não é uma escolha: é a única alternativa de que pode lançar mão o trabalhador, na tentativa, em grande medida frustrada, de conciliar duas jornadas: a do trabalho e a do estudo” (SGUISSARDI; PUCCI, 1992, p. 53).

No ano seguinte tive que abandonar os estudos em consequência do Serviço Militar obrigatório, para Rodrigues (1995) o fato da evasão escolar “[...] resultam de uma série de determinações imediatas de natureza variada que opõem empecilhos à escolarização do alunado noturno” (RODRIGUES, 1995, p. 65). Mas a minha intenção era retornar e terminar o Ensino Médio, porém nesse percurso tornei-me pai da minha primeira filha, Elisandra, em 1995. Os estudos já não eram mais prioridade, e sim o sustento da família.

No caso do meu histórico, a evasão está relacionada com as minhas necessidades, que não são diferentes de vários trabalhadores que estão no interior de uma instituição escolar. Em certo grau repeti assim o mesmo comportamento dos meus pais, a diferença é que essa evasão se deu no Ensino Médio. Sentia-me desconfortável com minha escolarização incompleta, alimentava a esperança de um dia poder dar continuidade, mas me deparava com as dificuldades do dia a dia.

Três anos após o nascimento da Elisandra, veio minha segunda filha Rayna. Nessa época além do meu trabalho fazia ‘bico’ em uma faculdade particular até o ano 2000, onde conheci várias pessoas que foram importantes na minha trajetória de vida. Uma delas foi o professor Castanho que explicarei mais adiante sua importância na minha mudança de atitude. Existia uma professora chamada Renísia, que eu conhecia apenas de vista nessa faculdade onde eu trabalhava, ela era muito admirada e respeitada por todos e o meu sonho era ser aluno dela, anos depois tive a oportunidade de reencontrá-la na UnB e realizar esse sonho.

Em 2004, já casado e com duas filhas busquei cursar os dois últimos anos do Ensino Médio no ensino supletivo em um colégio público, o Colégio Estadual Desembargador Dilermando Meireles, localizado na cidade de Valparaíso de Goiás-GO.

Nesse sentido, as autoras Sena e Brandão (2014) expõem alguns motivos na trajetória da vida de um aluno da Educação de Jovens e Adultos (EJA) onde me vejo:

Podemos inferir que esses sujeitos tiveram passagens desagradáveis pela escola ou não tiveram oportunidade de conhecer esse espaço e ainda, no contexto doméstico, passaram por um processo de adultização precoce, ou seja, assumindo funções como cuidar dos irmãos mais novos, ajudar os pais nas atividades laborais e, em alguns casos, passaram a assumir o papel de chefe da família (SENA; BRANDÃO, 2014, p. 96).

Podemos concluir, segundo os autores Milene de Macedo Sena e Rodrigo Matos-de-Souza, que “a EJA emerge das brechas deixadas pelo processo de escolarização e das formas de viver de um sistema socioeconômico excludente baseado no pensamento etnocêntrico” (SENA; MATOS-DE-SOUZA, 2013, p. 122).

Nessa fase, mais amadurecido, tinha consciência que eu tinha que aproveitar todo conteúdo que era passado, diferente dos alunos entre 17 e 23 anos pesquisados pela autora Freitas (1997) no Estado de São Paulo, que segundo ela: “É muito comum que esses alunos se mostrem muito empenhados na conversa e na “bagunça” e pouco empenhados, pouco interessados, na aprendizagem; é comum também que desenvolvam atitudes de confronto com as normas escolares” (FREITAS, 1997, p. 03).

Entretanto, Edmundo Marcos Ferreira Pontes e Georgia Nellie Clark observam esse amadurecimento de forma diferente: “Em uma sociedade seduzida pela tese da meritocracia, a responsabilidade pelo abandono ou atraso no processo de escolarização recairá, principalmente, sob os ombros dos educandos” (PONTES; CLARK; 2016, p. 59). Meu objetivo era terminar o Ensino Médio e cursar Pedagogia.

Na EJA conheci várias pessoas e escutei histórias parecidas com a minha nesse universo sinestésico. Nesse espaço eu me sentia confortável, ali estavam pessoas pertencentes à classe trabalhadora. Em nossas conversas eu falava da vontade em cursar Pedagogia e perguntava se alguém estava pensando em entrar em uma Faculdade, vários achavam que não conseguiriam por estar tendo dificuldades em assimilar todos os conteúdos. Segundo Milene de Macedo Sena e Rodrigo Matos-de-Souza “neste sentido, rememoram-se os saberes e os aromas, as texturas e tonalidades, os risos e os sisos, o encantamento de uns e os desencantamentos de outros, vistos e sentidos nas viagens de acompanhamento” (SENA; MATOS-DE-SOUZA, 2013, p. 131).

Pontes e Clark, falam dos processos de escolarização, das percepções dos educandos e seus sentimentos: “Dessa forma, em muitos momentos esses sujeitos não se reconhecem como possuidores de saberes válidos e, não é raro, desconfiam da própria

capacidade de aprender, sequelas deixadas pelos tumultuados processos de escolarização aos quais, geralmente, foram submetidos” (PONTES; CLARK, 2016, p. 56).

Nesse sentido, os autores Milene de Macedo Sena e Rodrigo Matos-de-Souza inserem o aprendizado como parte essencial da vida ao afirmarem que:

A possibilidade de aprender e de se construir como sujeito é inerente a todos os seres humanos, do nascimento à velhice, pois aprender é parte essencial da vida, envolve sentidos e dissemina uma influência recíproca entre pessoa e o meio ambiente, em constante transformação (SENA; MATOS-DE-SOUZA, 2013, p. 135).

Eu precisava cumprir meus objetivos que era mudar a minha história de vida, então não sobrava espaço para questionar minha capacidade de aprendizagem, já que o aprender é inerente a todos os seres humanos.

Infelizmente por alguns motivos financeiros assim que terminei o Ensino Médio na modalidade EJA, não consegui realizar meu maior sonho, que era entrar em uma faculdade e cursar Pedagogia. Com certeza essa instituição seria particular, achava impossível o acesso a uma Universidade pública, principalmente pela minha trajetória escolar, meu histórico familiar e a quantidade de vagas oferecidas.

Com uma trajetória de reprovação, de abandono escolar e estudos realizados na modalidade EJA, uma faculdade pública torna-se um sonho quase que impossível, principalmente olhando as estatísticas. Segundo o anuário estatístico da UnB de 2016 no ano de 2015 quando eu realizei o vestibular, aos 43 anos de idade, foram ofertadas 3.936 vagas para o vestibular e outras 5.912 vagas distribuídas entre o Programa de Avaliação Seriada (PAS), Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e outras vias. Desse total de 9.848 vagas olhando a minha faixa etária de idade correspondem a 1,5%, já os dados referentes ao Programa Universidade Para Todos (PROUNI) fornecidos pelo Ministério da Educação de Cultura (MEC) no ano de 2014 foram oferecidas um total geral de 223.598 vagas, analisando a minha faixa etária de idade corresponde a 3% das vagas oferecidas.

Ao entrar em uma faculdade particular eu já estaria quebrando alguns paradigmas, um desses foi à profecia autorrealizante, que o para Torres, Neiva e Cols (2011) é quando nossa expectativa termina por provocar o próprio comportamento que originalmente antecipamos. Minha expectativa até aquele momento em que conversei com o professor Castanho era apenas esperar uma única promoção em minha carreira militar e após trinta anos de serviço ir para reserva remunerada e voltar para Araguari.

Sobre meu histórico familiar, sou o neto mais velho de ambas das famílias materna e paterna, infelizmente minha maior convivência foi com a família materna, hoje um total de 98 pessoas entre filhos, netos, bisnetos e tataranetos, também sou o primeiro a entrar em uma universidade pública e o primeiro a ter um curso superior, espero que esse TCC seja um incentivo para as novas gerações da minha família.

4. INFLUÊNCIAS SOCIAIS E POLÍTICAS PÚBLICAS: RETORNO A VIDA ESCOLAR E INGRESSO NO CURSO SUPERIOR

Somos sempre influenciados de algum modo. Nossa primeira influência está relacionada ao primeiro grupo social que convivemos, a família. Somos também influenciados individualmente ou pelo grupo a que pertencemos. No meu caso específico o que me levou a mudança de atitude e comportamento foi uma história contada por um professor da faculdade na qual trabalhava após o horário em que terminava minhas atividades laborais no Exército.

Nessa faculdade conheci o professor Castanho, sujeito que em um dia, numa conversa informal, me relatou a história de um casal que cresceu profissionalmente apoiando-se e estudando enquanto o outro mantinha as despesas domésticas e o custo das mensalidades da faculdade de direito. Isso me fez pensar nas possibilidades que eu teria se todos os membros da minha família tivessem uma oportunidade de escolarização.

Foi assim que eu decidi que faria o possível para mudar a minha história, e consequentemente a da minha família. Iríamos sair daquele círculo de abandono escolar e repetência. Comecei a convencer primeiramente a minha ex-esposa da importância de um curso superior e as oportunidades que iriam se abrir após a sua formação.

Nos meus estudos no curso de Pedagogia, percebo que as oportunidades não dependem apenas de um diploma. Segundo as autoras Basconi e Costa (2019) “numa estratégia política-ideológica, difunde o discurso de que educação cria oportunidade de emprego, o que é uma ilusão, pois quem cria emprego é o mercado; logo, inverte-se a relação de causa e efeito que ocorre na realidade” (BASCONI; COSTA, 2019, p. 31).

Entretanto, após conseguir um emprego e um diploma universitário ainda temos que lutar pela aceitação das classes mais abastadas da sociedade. Para o autor Saneh (2010),

[...] as classes pobres descobrem o surgimento de uma ou outra barreira a mais (a graduação universitária que até bem pouco tempo era a exigência máxima para um bom emprego, agora necessita de uma “pós”, “um MBA”, mais “investimento” no estudo “qualificado”, etc.) para postergar a sonhada inclusão nos padrões de aceitação das classes mais elevadas (SANEH, 2010, p. 152).

Não foi fácil esse convencimento, pois ela, minha ex-esposa, vinha de um cenário muito parecido com o meu. Uma cultura machista onde o homem manteria o sustento familiar e a esposa teria o papel de cuidar da casa e dos filhos. Deixar algumas

crenças é difícil, mas eu estava disposto a trabalhar para mudar o futuro das minhas filhas.

Após o término do curso de pedagogia dela, eu consegui voltar a estudar. Matriculei-me na EJA, para que eu pudesse terminar o Ensino Médio e entrar na faculdade. Já que ela estaria trabalhando e poderia me ajudar financeiramente, mas isso não aconteceu e tive que adiar esse sonho, mas ainda tinha duas filhas que dependiam dos meus esforços.

Com muito sacrifício, trabalhando em dois empregos e ‘fazendo bico’ aos finais de semana, continuei pagando até o sexto ano do Ensino Fundamental II, uma escola particular para elas. Já no sétimo ano do Ensino Fundamental II elas foram estudar no Colégio Militar Brasília (CMB). Primeiro, minha filha, Elisandra e depois a segunda filha, Rayna.

A entrada no CMB foi algo emocionante, a meu ver era mais um passo para quebra do ciclo familiar de repetência e abandono escolar, já que minhas filhas teriam um futuro promissor. Lembro bem daquele dia, quando no sorteio chamaram o nome da Elisandra para ocupar uma das vagas. Parecia um sonho, chorei de tanta emoção. Veio a recompensa por tanto esforço, das várias noites sem dormir e dos vários finais de semana trabalhando.

No primeiro ano veio à reprovação. Aquela reprovação não foi apenas dela, mas também minha. Eu me perguntava o tempo todo qual era o meu erro, ela não poderia repetir o meu comportamento, como já tinha repetido o dos meus pais. Foram anos de luta durante a sua escolarização, eu não conseguia fazer com que elas entendessem a importância de se esforçarem para que isso não acontecesse, foram várias recuperações e o susto de outras, até que chegaram ao Ensino Médio.

Depois de dois anos que a Elisandra estava no CMB, foi à vez da Rayna. Com ela foi um pouco diferente, não houve reprovação, mas ela também não entendia a importância de uma escolarização com dedicação. Chegando ao final do ensino médio ela conseguiu a aprovação no curso de pedagogia na UnB, mas não ingressou no curso. O interesse era adquirir experiência e continuar estudando para que pudesse entrar no curso de Direito.

Mesmo com meu incentivo de fazer o ENEM junto com elas, até mesmo de prestar o vestibular da UnB, para elas eu era um opressor. Hoje com um pouco de conhecimento obtido no curso de Pedagogia vejo que algumas cobranças poderiam ser feitas de outra forma.

Levando em conta a tendência pedagógica histórico-crítica na qual se valoriza os saberes trazidos pelo aluno e a compreensão da sua realidade, consigo perceber que primeiramente deveria ter fortalecido os laços familiares, para que elas pudessem ter um referencial e no segundo momento, a escolha da escola, consigo perceber vários pontos positivos no ensino público tão criticado na época por mim, principalmente a importância da convivência com crianças de diferentes realidades sociais que eu poderia ter evitado nas minhas abordagens. Utilizaria mais o lúdico no acompanhamento escolar para tornar o aprendizado mais significativo e constituir uma prática pedagógica mais prazerosa.

Refletindo sobre essas mudanças do que eu poderia ter realizado utilizando todo aprendizado crítico adquirido na UnB me fez perceber que nada disso iria fazer diferença, continuaria sendo um opressor, pois, não importa qual a teoria utilizada, pois, a dinâmica familiar influencia nas atitudes e no comportamento das crianças.

Lembro-me que em 2013, a possibilidade da minha filha Elisandra reprovar no 3º ano do ensino médio era real, eu precisava fazer algo para mudar aquela possibilidade, então junto com minha ex-esposa pedimos uma reunião com a equipe da Serviço de Orientação Educacional (S.O.E.) do CMB. Fomos bem atendidos, houve vários pontos debatidos e após a conversa foi chamado para integrar a reunião a minha filha. O Capitão D'Osso, psicólogo do CMB, que percebeu a relação conflituosa que existia entre eu e minha filha, então nos foi proposto um acompanhamento psicológico.

Essa escuta sensível do psicólogo junto com as orientações propostas pela equipe da S.O.E., junto com as sessões de psicoterapia, geraram mudanças nas atitudes e consequentemente no comportamento de Elisandra, resultando em notas mais altas e na melhora significativa do nosso relacionamento. Infelizmente a mãe não deixou que ela continuasse com as sessões de psicoterapia alegando que estava interferindo na educação que ela dava à sua filha.

Entretanto, essa dinâmica conflituosa que existia e existe ainda hoje entre eu e minhas filhas causadas pela interferência da mãe não mudaria o olhar de opressor, como não mudou após seis anos de distanciamento, mas serviu como aprendizado. Todo esse conhecimento adquirido pela teoria/prática pode ser utilizado no âmbito escolar e na relação escola-família.

Graças ao ENEM, consegui entrar no curso de Pedagogia através do PROUNI em uma faculdade particular, a Faculdade JK. Segundo as autoras Basconi e Costa (2019) no Brasil, o Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (FIES) e

o PROUNI são exemplos de políticas pautadas pelas orientações do Banco Mundial para aumentar o número de matrículas de estudantes pobres no ensino superior com subsídios do governo, conforme nos explica as autoras:

Os organismos internacionais têm orientado uma política de acesso ao ensino superior para a classe trabalhadora, caracterizada pela fragmentação, apresentada como diferenciação, mas que, na verdade, busca distribuir os jovens advindos da classe trabalhadora, especialmente os dos setores mais pauperizados, nos diversos segmentos do ensino superior, tais como universidades, centros universitários e faculdades, que nem sempre oferecem oportunidades para que os alunos tenham uma formação que integre ensino, pesquisa e extensão, existente apenas em instituições universitárias (BASCONI; COSTA, 2019, p. 32).

O processo de separação foi algo doloroso emocionalmente. O dissabor do divórcio e a luta pela guarda da minha filha Rayna, me deu a percepção e o entendimento do quanto o sistema judiciário brasileiro é unilateral e maternalista, Mesmo assim, também foi a minha libertação, pois agora nada me impediria de realizar meu grande sonho, e a faculdade foi a minha tábua de salvação, de realização pessoal e profissional.

Após um ano cursando Pedagogia, resolvi prestar vestibular na UnB para acompanhar a Rayna, já que ela tinha conseguido uma vaga no curso de Direito pelo PROUNI, mas eu tinha certeza que o curso da UnB seria melhor para ela em termos de conhecimento e dessa vez consegui convencê-la disso. Ainda não tinha um conhecimento teórico e prático sobre o porquê era melhor, mas com o pouco conhecimento adquirido durante o período que cursava Pedagogia no ensino privado e com os comentários dos professores sobre a excelência na UnB, eu tinha certeza de que era o lugar certo para as minhas filhas.

Foi uma surpresa a minha aprovação, até então achava impossível entrar nessa universidade, infelizmente a Rayna não conseguiu ser aprovada. Eu estava certo, a UnB é diferente, agora eu sabia o que significava ensino, pesquisa e extensão. Nos primeiros meses por várias vezes eu pensei em desistir, não estava acostumado com tanta leitura, sentia muita vergonha do meu vocabulário, a diferença de idade era enorme, diferente da faculdade que eu estudava antes.

Entretanto, hoje por tudo que passei nos primeiros meses dentro da Universidade de Brasília (UnB), comparando os alunos das duas Instituições de Ensino Superior (IES) que ingressei, entendo com mais clareza algumas críticas a respeito do Programa Universidade Para Todos (PROUNI).

Não é exagero afirmar que, dos documentos da década de 1960 – dos acordos MEC/USAID – aos recentes documentos do Banco Mundial

direcionados à reforma do ensino superior dos chamados países em desenvolvimento, houve continuidade do receituário, sob “novas” roupagens, quanto à destinação de cursos e instituições para os pobres, buscando a flexibilização da formação de nível superior com ênfase na formação/treinamento de baixo custo e com propostas de cursos aligeirados (BASCONI; COSTA, 2019, p. 45).

Graças ao apoio inicial das minhas filhas durante o primeiro semestre, e depois da minha atual esposa, desisti em voltar para a faculdade onde tudo começou. Sou grato a minha esposa que sempre leu meus trabalhos, ajudando na correção gramatical, por muitas vezes renunciando à sua hora de descanso para poder me ajudar. Não apenas nos trabalhos, mas também em relação ao meu emocional.

Se não bastasse a distância entre eu e minhas filhas, a vergonha do meu vocabulário, eu ainda era criticado o tempo todo por alguns colegas no local de trabalho por estar na Universidade de Brasília, sendo chamado várias vezes de esquerdista, petista e até mesmo alienado. Esse trabalho me fez perceber o que realmente está por trás dessas acusações, a chamada ‘Guerra Cultural’, até então desconhecida por mim. Segundo a autora Ana Paula Moritz (2018):

O conceito de guerra cultural consiste em uma ruptura na sociedade que é provocada por dois conjuntos morais, um progressista e um ortodoxo, deste modo, ela tomaria conta do espaço público sob a forma de disputa de opiniões contrárias, que na verdade estariam em luta pela hegemonia política do país (MORITZ, 2018, p. 27).

Para entender melhor esse fenômeno o Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP), Eduardo Wolf, atualmente, está escrevendo o livro ‘*Guerras Culturais*’, que será lançado pela editora Record cujo texto ainda não se encontra disponível, mais no canal Casa do Saber ele explica, que esse conceito “*Kulturkampf*” surgido na Alemanha no século XIX, depois no século XX nos Estados Unidos que está associado a três grandes elementos: etnia, religiosidade e sexualidade. (WOLF, 2018, online). Essas questões impulsionadas principalmente através das redes sociais tendem a dividir uma nação, precisamente porque são as questões que tradicionalmente representam as dificuldades de grupos com valores distintos em conviverem juntos.

A cada semestre que passava eu me conhecia melhor, conseguia fazer *links* sobre o que era ensinado pelos professores com minha trajetória familiar. Consegui principalmente entender a lógica capitalista de reprodução de privilégios, comparando com a situação da minha família materna, que foi a família que mais convivi. A maioria dos meus familiares trabalha ou trabalhou em um grande frigorífico de Araguari, sempre como força bruta de trabalho, mesmo aqueles que fizeram um curso técnico.

Essa é a lógica do capitalismo, manter os privilégios apenas para alguns, em contrapartida ter mão de obra barata e o conformismo dos menos esclarecidos, mantendo assim a desigualdade estrutural entre as classes sociais.

Na minha caminhada, pude estudar um pouco também sobre a Psicologia, curso que ainda quero ter em meu currículo. Vi o quanto a psicologia consegue explicar nossos valores, crenças, atitudes e comportamentos. Foi interligando toda essa teoria que aprendi a não julgar as pessoas. Percebi que sempre irá existir um motivo ou vários para as pessoas agirem de determinada maneira. Consegui entender que existe um porque nas atitudes e comportamentos das pessoas, que por questões de valores de crenças me ajudaram ou tentaram me prejudicar nessa caminhada.

Mesmo com todo esse crescimento pessoal ainda sim tive várias dificuldades dentro da Faculdade de Educação, a principal delas foi viver entre dois mundos com visões opostas da política. Isso me gerava um incômodo, principalmente depois de ler ‘Pedagogia do Oprimido’, onde Paulo Freire propõe uma abordagem que visa à conscientização por um método dialógico e não pelo radicalismo. Ele mesmo questiona: “como posso dialogar, se me fecho à contribuição dos outros, que jamais reconheço, e até me sinto ofendido com ela?” (FREIRE, 2017, p. 112).

Eu não entendia o motivo de não conseguir, apesar dos esforços, me adaptar em um desses mundos. Em 2019, consegui algumas respostas, quando tive que fazer um trabalho da disciplina Educação das Relações Étnico-Raciais e o tema escolhido foi ‘Congado e Moçambique’, cultura cultivada em minha cidade.

A origem da ‘Congada e Moçambique’ remonta às irmandades católicas de escravos e libertos congregados ao redor dos ‘santos dos pretos’. Os principais santos dessa solenidade são: Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Santa Efigênia e Nossa Senhora das Mercês. No decorrer desse trabalho acadêmico descobri que meu bisavô foi o responsável em levar essa manifestação cultural para Araguari em 1928, o que me encheu de orgulho e pertencimento.

É uma festa maravilhosa! Recordo-me quando criança que eu ficava no meio daquele grupo sendo acolhido pelos mais velhos, ao som de atabaques, reco-recos, violas, apitos e tambores, todos dançando e as crianças aprendendo aquelas coreografias e a importância principalmente da coroação da rainha e do rei da festa. Para Antônia Aparecida Quintão:

A coroação ocorria no dia da festa de Nossa Senhora do Rosário, Rei e Rainha do Congo representavam um sistema de governo africano na

medida em que possuíam autoridade sobre seus “súditos” e preservavam aspectos culturais e sociais da África, contribuindo para a integração e solidariedade dos negros no Brasil (QUINTÃO, 2000, p. 166).

É uma tradição, e o rei e a rainha são das famílias dos primeiros fundadores dos Congados e Moçambiques. Esse trabalho me fez refletir sobre minha dificuldade, em ter que me posicionar politicamente entre ser de ‘direita’ ou ‘esquerda’, o que consigo fundamentar melhor meu pensamento hoje depois das contribuições do entendimento que tive sobre ‘Guerra Cultural’.

Os conflitos da Guerra Cultural giram principalmente em torno de três grandes elementos: a etnia, a religiosidade e a sexualidade. Nos congados sempre convivi com o sincretismo religioso “como forma de manter os cultos de suas divindades agora apresentadas por nomes de santos portugueses, camuflando a permanência dos rituais religiosos de origem” (GÓIS, 2008, p. 50).

Entretanto, estão presentes entre os integrantes dos Congados e Moçambiques pessoas que fazem parte do Candomblé, da Umbanda e do Catolicismo, o que davam aos integrantes total autonomia para participarem das várias manifestações religiosas, eu mesmo fui diversas vezes em cultos protestantes. Na festa percebia-se todas as etnias, havia negros, pardos e brancos. A sexualidade era vista com muito respeito, independente do gênero ou orientação sexual. Entretanto o Moçambique de Angola é composto por sua maioria de mulheres. Foi assim que fui construindo os meus valores, o orgulho em ser negro, de não me vitimizar e saber respeitar a diversidade. Não percebo os valores em minha formação como algo imposto, todos os meus valores foram construídos, diante da minha percepção sobre os acontecimentos.

Por fim, percebo que de certo modo influenciei a trajetória das minhas filhas. Após conseguirem aprovações em diferentes cursos, em diferentes faculdades e universidades elas estão cursando o 2º semestre de Física Médica na Universidade Federal de Goiás (UFG). Pretendo como próximo passo, já que eu estou recém-aposentado, me dedicar ao magistério. Não posso deixar de mencionar que minha esposa, já formada em Psicologia, concluiu o curso de Pedagogia em 2020 e estamos juntos nessa nova caminhada.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa (auto)biografia foi importante para compreender teoricamente boa parte da trajetória de escolarização dos meus pais e a minha própria trajetória. Para Brandão (2008, p. 8) “no trabalho com memória autobiográfica observamos como as marcas que as sensações - internalizadas, reelaboradas subjetivamente e vividas em certo meio cultural - transformam-se em um saber próprio, autorreferenciado” (BRANDÃO, 2008, p. 08).

Essas marcas e sensações foram experimentadas em todo o trabalho, principalmente no que se refere à atual falta de convivência com minhas filhas. Sobre a castração e meu distanciamento das minhas filhas percebo em Oliveira e Satriano que “neste processo há a possibilidade de um desvelamento, uma nova apropriação e consequentemente um novo posicionamento no mundo” (OLIVEIRA; SATRIANO, 2017, p. 376). Foi através dele que consegui perceber todo movimento que havia na relação com minhas filhas, em consequência do castramento da minha autoridade como pai, permitido e hoje reconhecido por mim. Vejo esse castramento como um gerador desse distanciamento que existe entre nós e a incapacidade de uma convivência saudável.

Após essa análise profunda sobre minha trajetória de vida no que se refere às políticas públicas consegui entender o porquê das falhas no formato da EJA, modalidade da educação básica e tendo como fundamento as autoras Costa e Machado onde corroboro com a ideia que, “[...] as elites continuam na defesa de seus interesses, ou seja, um grupo seletivo de pessoas que detém o poder estabelece as políticas públicas sem sofrer maiores resistências da sociedade” (COSTA; MACHADO, 2017, p. 43).

Nesse mesmo sentido sobre as políticas públicas é possível refletir sobre a fala das autoras Costa e Machado (2017) que fazem referência sobre o neoliberalismo, quando afirmam que “nesse contexto de inspiração neoliberal, as atuações e táticas sociais governamentais incorrem essencialmente em políticas compensatórias, em programas pontuais, àqueles que pouco contribuem para uma melhora na sociedade” (COSTA; MACHADO, 2017, p. 49).

Por fim, em todos os documentos pesquisados para a elaboração desse trabalho o que mais me emocionou foi da autora Ilma Passos Alencastro Veiga e aqui reproduzi um trecho da obra dela que me inspirou:

Hoje consigo entender coisas que fazem parte de mim e que até então não sabia que faziam parte de minha vida pessoal e profissional. Percebo que sou mais analítica, crítica, acolhedora e mais consciente e com um olhar mais aguçado para enxergar a realidade e fazer a leitura de mundo (VEIGA, 2010, p. 183).

Essa citação resume perfeitamente todo o meu sentimento no final desse trabalho e o agradecimento a todos os professores da Universidade de Brasília que influenciaram toda essa transformação pessoal. Para as autoras Jordana Corrêa e Neiva Afonso de Oliveira, “é através desta mudança de vida e destas experiências que o homem forma a si mesmo e seu caráter, unido a sua formação com a formação do seu destino” (CORRÊA; OLIVEIRA, 2019, p. 10).

Nesse sentido, a minha mudança de vida foi influenciada por diferentes atores e narrativas que influenciaram na formação do meu caráter, no da minha família e de todos que fizeram parte nessa trajetória de construção da minha identidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIRRE, Jonathan; PORTA, Luis. Sentidos e potencialidades do registro (auto)etnográfico na pesquisa biográfica-narrativa. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 25, p. 01–18, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.26512/lc.v24i0.20077>. Acesso em: 22 dez. 2020.

ALMEIDA JÚNIOR, A. Repetência ou promoção automática? **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 27, n. 65, 1957. Disponível em: <http://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/rbep/issue/view/454>. Acesso em: 01 set. 2020.

BASCONI, Tatiane Cristina Fernandes; COSTA, Áurea de Carvalho. **O PROUNI e o projeto capitalista de sociedade: educação da “miséria” e proletarização dos professores**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2018.

BRANDÃO, Vera Maria Antonieta Tordinio. Memória (auto) biográfica como prática de formação. **Revista @mbienteeducação**, São Paulo, v. 01, n. 01, p. 03-17, jan./jul. 2008. Disponível em: <http://publicacoes.unicid.edu.br/index.php/ambienteeducacao/article/view/572/540>. Acesso em: 22 dez. 2020.

BRASIL. Congresso Nacional. Câmara dos Deputados. **Decreto nº 61.312, de 08 de setembro de 1967**. 1967. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-61312-8-setembro-1967-402376-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 01 set. 2020.

BRASIL. **Decreto nº 19.890, de 18 de abril de 1931**. Dispõe sobre a organização do ensino secundário. 1931. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19890-18-abril-1931-504631-republicacao-141247-pe.html>. Acesso em: 01 set. 2020.

BRASIL. **Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971**. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. 1971. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 01 set. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Aspectos da Organização e Funcionamento da Educação Brasileira**. Brasília: Departamento de Documentação e Divulgação, 1974. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me002563.pdf>. Acesso em: 01 set. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Movimento Brasileiro de Alfabetização Assessoria de Organização e Métodos. **MOBRAL: sua origem e evolução**. Rio de Janeiro: MOBRAL, 1973. Disponível em: <https://www.livrosgratis.com.br/ler-livro-online-42612/mobral--sua-origem-e-evolucao>. Acesso em: 01 set. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Movimento Brasileiro de Alfabetização Assessoria de Organização e Métodos. **MOBRAL: cultura e comunidade**. Rio de Janeiro: MOBRAL, 1979. 79 p. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me002468.pdf>. Acesso em: 01 set. 2020.

CORRÊA, Jordana; OLIVEIRA, Neiva Afonso. O meu pé de laranja-lima: uma autobiografia de formação (Bildungsroman) em descoberta. *Linhas Críticas*, Brasília, v. 25, 01, p. 01–18, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/19956>. Acesso em: 22 dez. 2020.

COSTA, Cláudia Borges; MACHADO, Maria Margarida. **Políticas públicas e Educação de Jovens e Adultos no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

COSTA, Lincoln Paulino da; COSTA, Walter Paulino da. **Transamazônica**. 1971. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/liu-e-leo/transamazonia/>. Acesso em: 01 dez. 2020.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 51, p. 523-538, set./dez, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/v17n51/02.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2020.

FRANCO, Osvaldo; FRANCO, Dino. **Herói da Pátria**. 1973. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/bia-dino-franco/heroi-da-patria/>. Acesso em: 01 set. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 63. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

FREITAS, Maria Virgínia de. Jovens no ensino supletivo: na escola e na rua. *In*: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO LATINO-AMERICANA DE SOCIOLOGIA, 21.; São Paulo, 1997. Anais Eletrônicos [...] São Paulo: Associação Latino-Americana de Sociologia. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.abong.org.br/bitstream/handle/11465/1836/92.pdf?sequence=1>. Acesso em: 22 dez. 2020.

GÓIS, Aurino José. O diálogo inter-religioso entre o Cristianismo e as tradições afro-brasileiras. *In*: AMÂNCIO, Íris Maria da (org.). **África-Brasil-África**: matrizes, heranças e diálogos contemporâneos. Belo Horizonte: Editora PUC Minas: Nandyala, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Taxa de analfabetismo das pessoas de 15 anos ou mais de idade**: homens. 2021. Disponível em: <https://serieestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?vcodigo=ECE305&t=taxa-analfabetismo-pessoas-15-anos-mais>. Acesso em: 01 set. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Educação 2019: PNAD Contínua. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**, Brasília, p. 01-16. 2020. Disponível em https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101736_informativo.pdf. Acesso em: 01 set. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Trabalho de crianças e adolescentes de 5 a 17 anos de idade 2016-2019 PNAD Contínua. **Investigações experimentais**: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, Brasília, p. 01-08. 2020. ISBN 978-65-87201-09-2. Disponível em https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101777_informativo.pdf. Acesso em: 01 set. 2020.

MANDELA, Nelson. **A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo. Devemos promover a coragem onde há medo, promover o acordo onde existe conflito e inspirar esperança onde há desespero**. Disponível em: <https://www.revistaprosaversoearte.com/a-educacao-e-a-arma-mais-poderosa-que-voce-pode-usar-para-mudar-o-mundo-nelson-mandela/>. Acesso em: 01 set. 2020.

MATOS-DE-SOUZA, Rodrigo; SOUZA, Elizeu Clementino de. Literatura e Educação: narrativas na pesquisa educacional. *In*: Oliveira, Inês Barbosa de; REIS, Graça (ed.).

Pesquisas com Formação de Professorxs: rodas de conversa e narrativas de experiências. Petrópolis, RJ: DP et Alli, 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/319302442_Literatura_e_Educacao_narrativas_na_pesquisa_educacional. Acesso em: 22 dez. 2020.

MORENO, Pedro Cioff; MORENO, João Cioff. **Unidos para o progresso**. 1971. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/moreno-moreninho/unidos-para-o-progresso/>. Acesso em: 01 set. 2020.

MORITZ, Ana Paula. **Arte, política e guerra cultural:** um estudo antropológico sobre a mostra Queermuseu. 2018. 81 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais do Departamento de Ciências Sociais do Centro de Ciências Sociais da PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: http://www.cis.puc-rio.br/assets/pdf/PDF_CIS_1552918740_Ana_Paula_Moritz_-_Vers%C3%A3o_Definitiva.pdf. Acesso em: 22 dez. 2020.

OLIVEIRA, Valéria Marques de; SATRIANO, Cecília Raquel. Narrativa autobiográfica do próprio pesquisador como fonte e ferramenta de pesquisa. **Linhas Críticas**, Brasília, DF, v. 23, n. 51, p. 369-386, jun./set. 2017. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/8231>. Acesso em: 22 dez. 2020.

OS PARALAMAS DO SUCESSO. **MOBRAL**. 1992. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/os-paralamas-do-sucesso/439837/>. Acesso em: 01 set. 2020.

PEREZ, João Salvador; PEREZ, José. **Bendito seja o MOBRAL**. 1972b. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/tonico-e-tinoco/89164/>. Acesso em: 01 set. 2020.

PEREZ, João Salvador; PEREZ, José. **Esperança do Brasil**. 1971a. Disponível em: <https://www.cifraclub.com.br/tonico-e-tinoco/90552/letra/>. Acesso em: 01 set. 2020.

PEREZ, João Salvador; PEREZ, José. **Marcha do Tri**. 1971b. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/tonico-e-tinoco/marcha-do-tri.html>. Acesso em: 01 set. 2020.

PEREZ, João Salvador; PEREZ, José. **Sesquecentenário**. 1972a. Disponível em: <https://www.letras.com.br/tonico-e-tinoco/seisquicentenario>. Acesso em: 01 set. 2020.

PONTES, Edmundo Marcos Ferreira; CLARK, Georgia Nellie. A má-fé institucional a educação de jovens e adultos no Brasil. **Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos**, Salvador, v. 04, n. 07, p. 53-78, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/educajovenseadultos/article/view/3083>. Acesso em: 22 dez. 2020.

QUINTÃO, Antônia Aparecida. As irmandades de pretos e pardos em Pernambuco e no Rio de Janeiro na época de D. José I: um estudo comparativo. In: NIZZA, Maria Beatriz da Silva (org.). **Brasil: colonização e escravidão**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

RIVERO, Nelson Eduardo Estamado (org.). **Psicologia social estratégias, políticas e implicações**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein, 2008. 62 p. eISBN: 9788599662861.

SANEH, Giuliano. **Competição, irreflexão, conformismo: crítica à cultura da adaptação**. 2010. 254 f. Tese (Doutorado em Sociologia Política) - Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Florianópolis, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/93934/289383.pdf?seq>. Acesso em: 22 dez. 2020.

SCHWARZ, Roberto. **O pai de família e outros estudos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. Disponível em: <https://nelic.ufsc.br/files/2019/04/Roberto-Schwarz-Cultura-e-pol%C3%ADtica-1964-1969.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2020.

SENA, Milene de Macedo; BRANDÃO, Isabel Cristina de Jesus. A escola dos sujeitos jovens e adultos não escolarizados durante a infância. **Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos**, Salvador, v. 02, n. 04, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/educajovenseadultos/article/view/1060>. Acesso em: 22 dez. 2020.

SENA, Milene de Macedo; MATOS-DE-SOUZA, Rodrigo. Alfabetização de Jovens e Adultos: espaço de (re)construção de identidades. **Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos**, Salvador, v. 01, n. 01, p. 119-139, 2013. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/educajovenseadultos/article/view/247>. Acesso em: 22 dez. 2020.

SGUISSARDI. Valdemar; PUCCI, Bruno. Ensino noturno: desconhecimento do trabalho e novos desafios. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 73, n. 173, p. 30-62, jan./abr. 1992. Disponível em: <http://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/rbep/article/view/1080/819>. Acesso em: 01 set. 2020.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Eu, professora: uma narrativa autobiográfica. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 16, n. 30, p. 183-191, jan./jun. 2010. ISSN 1516-4896. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/3582>. Acesso em: 22 dez. 2020.

WOLF, Eduardo. **Guerras Culturais**. Rio de Janeiro: Record, 2021. No prelo.

WOLF, Eduardo. **O que Guerra Cultural**. 2018. (6:32 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hIrTlPtRzaE>. Acesso em: 22 dez. 2020.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ALONSO, Gustavo. Os Vandrés do sertão: Música sertaneja, ufanismo e reconstruções da memória na redemocratização da memória na redemocratização. **Estudos Iberos Americanos**, Porto Alegre, v. 43, n. 2, p. 458-471, maio/ago., 2017. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/25062/15632>. Acesso em: 01 set. 2020.

CENTRO DE REFERÊNCIA E MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO POPULAR E EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DO RIO DE JANEIRO. **A prática da Educação Comunitária do MOBREAL**. Disponível em: <http://cremeja.org/a7/wp-content/uploads/2018/06/A-pratica-de-educacao-na-acao-comunitaria-do-MOBREAL.pdf>. Acesso em: 01 set. 2020.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Fundamentos epistemológicos da pesquisa: biográfica em educação. **Educação em Revista**, *Belo Horizonte*, v. 27, n.01, p.333-346, 2011. ISSN 0102-4698. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-46982011000100015&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 22 dez. 2020.

GONZÁLEZ, Maria Fernanda. Las narrativas autobiográficas en la construcción de la experiencia y el sí mismo. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 23, n. 51, p. 428–448, 2018. . Disponível em: <https://doi.org/10.26512/lc.v23i51.8241>. Acesso em: 22 dez. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Distribuição percentual da população nos Censos Demográficos, segundo as Grandes Regiões, as Unidades da Federação e a situação do domicílio: 1960/2010**. 2021. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=9&uf=00>. Acesso em: 01 set. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Taxa de analfabetismo das pessoas de 15 anos ou mais de idade: mulheres**. 2021. Disponível em: <https://serieestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?vcodigo=ECE306&t=taxa-analfabetismo-pessoas-15-anos-mais>. Acesso em: 22 dez. 2020.

MATOS-DE-SOUZA, Rodrigo. A inscrição no mundo: apontamentos sobre história da leitura, hermenêutica e estética da recepção. **Praxis: Revista Eletrônica de História e**

Cultura, Volta Redonda, RJ, p. 16-27, dez. 2001. ISSN 1807-3174. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/320014603_A_inscricao_no_mundo_apontamentos_sobre_historia_da_leitura_hermeneutica_e_estetica_da_recepcao. Acesso em: 22 dez. 2022.

MATOS-DE-SOUZA, Rodrigo; SANTOS, Vanessa Ribeiro. A Educação de Jovens e Adultos e a juventude no Brasil: considerações sobre os marcos legais, contextos e contradições. In: SILVA, Francisco Thiago; MACHADO, Liliane Campos (org.). **Currículos, narrativas e diversidade**. Curitiba: Appris, 2019. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/337398111>. Acesso em: 22 dez. 2020.

MATOS-DE-SOUZA, Rodrigo; SOUZA, Elizeu Clementino de. A (de)formação pela escola: representações de processos formativos na trilogia autobiográfica de Elias Canetti. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, Salvador, v. 01, n. 02, p. 236-253, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/2659>. Acesso em: 22 dez. 2020.

MÉDICI, Emílio Garrastazu. **A verdadeira paz**. Brasília: 1971. Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/publicacoes-oficiais/catalogo/medici-a-verdadeira-paz/view>. Acesso em: 01 set. 2020.

RODRIGUES, Eduardo Magrone. Ensino noturno de 2º Grau: o fracasso da escola ou a escola do fracasso? **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 01, p. 49-72, jan./jun. 1995. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71747/40683>. Acesso em: 22 dez. 2020.

SANTOS, Marcos Pereira dos. **Dificuldades de aprendizagem na escola**: um tratamento psicopedagógico. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.

SCHWARZ, Roberto. **O pai de família e outros estudos**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1978. Disponível em: <https://nelic.ufsc.br/files/2019/04/Roberto-Schwarz-Cultura-e-pol%C3%ADtica-1964-1969.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2020.

SMITH, Deborah Deutsch. **Introdução a Educação Especial**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

SOUZA, Marcelo Medeiros Coelho de. O Analfabetismo no Brasil sob o enfoque demográfico. **Textos para discussão**, Brasília, IPEA, n. 639, p. 04-26, abr. 1999. ISSN-1415-4765. Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/2644/1/td_0639.pdf. Acesso em: 22 dez. 2020.

SOUZA, Marco Aurélio Dias de. **O fim da Guerra Cultural e o conservadorismo estadunidense?** uma leitura sobre a trajetória de ascensões e quedas da direita religiosa americana. 2014. 318 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/116013>. Acesso em: 22 dez. 2020.